

CONTO

Almas negras em paisagens atlânticas¹

Maurílio Alves Rocha Júnior

As memórias são como os fluxos e refluxos do mar revolto. Vão e voltam trazendo reflexões dos tempos difíceis e das incertezas. Era o que acontecia com Manuel Emílio, o amigo cabo-verdiano, iludido com o meu Brasil, mas certo de que muitas são as dores do ser negro neste mundo.

A chegada e o regresso das ondas raivosas na praia de Sinagoga, em Santo Antão, retrocediam às lembranças de duros tempos querendo ser revividos melancolicamente. Pensávamos na *hora di bai*.

O muro do cais e a maré foi o ponto de intercessão entre o passado e o presente daquele jovem sempre só. Os olhos e o silêncio de Manuel Emílio mostravam a sensibilidade da decepção. A própria mãe materna ilha espelhava aquela dor: parecia funesta, solitária, suportando sua cotidiana erupção solar escaldante. Via partir em cada barco os seus filhos amados, como aquele Manel que queria descobrir a Europa.

E Emílio com os olhos na maré. E a maré espumante transmitindo o passado. Desaproximei dele, a fim de encontrar a minha navegação para o Brasil e despedir-me daquela ilha África, insulada na minha africanidade. Deixei de lado o meu trajeto e fiquei observando o silêncio do meu amigo, porque também eu sentia a força da decepção, a sensação agonizante por não ter feito o que queria, por não ter sido o que queria, por jamais ter pescado em Cabo Verde alguma coisa que ainda não sei o que é.

E fiquei falando a mim mesmo: – Sabe-se que o passado deve ser recordado, pois as memórias são como nossas identidades, porém, ela pode destruir um lutador, deixando-o ferido com cicatrizes na alma.

¹ Este conto foi produzido na disciplina de *Seminários de Leitura Literária*, no curso de Licenciatura em Letras-Língua Portuguesa, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, no ano de 2017.

E neste momento, queria gritar, chorar e confrontar. Queria voltar para o muro e falar a mim mesmo e ao meu amigo frente ao fluxo e refluxo da maré revolta: – Não retroceda ao passado, consagre o majestoso presente, pois este deve ser usado como se fosse a última batucada, o último beijo da garota cabo-verdiana. Estude, escreva literatura sobre a vida em Santo Antão. E quando os raios de sol tocarem seus olhos, levante-se, vista sua armadura, navegue o oceano e clame a vitória. Lute contra os ignorantes. Aqueles que nos julgam negativamente pela nossa cor, pelo nosso cabelo crespo e pela nossa cultura. A materna ilha ficará feliz pelo seu regresso.

Entretanto não queria magoá-lo, pois ao falar estas palavras, ele poderia sentir-se um malgrado, derrotado e evasivo, pois sei que os cabo-verdianos resistem anualmente contra as tempestades climáticas em Cabo Verde, combatem junto com a ilha as estiagens e suportam ferozmente o pouco que a Natureza lhes oferece.

Com lágrimas amarradas na garganta, enxuguei meus olhos desfalecidos com as brancas palmas das mãos, como se houvessem desbotadas de tanta dor, porque sofria com as aflições do homem que estava na margem da praia. E de brusquidão, percebi que Manuel sussurrava com os lábios volumosos ressecados para o oceano.

Logo, notei que estava recitando o poema Panorama do grande Jorge Barbosa. Por meio dos lábios ressecados daquele homem, senti os gritos poéticos de indignação e socorro ecoando naquela alma negro-africana.

Através daquele poema, o meu amigo ergueria a cabeça e confirmaria que os cabo-verdianos morrem e sobrevivem todos os anos, no entanto, mesmo esquecidos no meio do Atlântico, fincam o pé na terra aprendendo a dança da sobrevivência nos dias ardentes de setembro. Eis a luta de todos os negros – pensei antecipando minha chegada ao outro lado do Atlântico.

Retendo a imagem distante de um barco no oceano, inesperadamente falei: – Puxa! Estou atrasado! Tenho que procurar a minha embarcação para o Brasil. Entretanto deveria ter ficado no muro do cais, detendo o desaparecimento do barco na linha do horizonte, junto com o meu amigo.

E nesta companhia, ter recitado o poema Simplicidade e ter dito ao meu camarada, que as nossas vidas não se limitavam somente em remoer lembranças do passado, no entanto, deveríamos fazer uma travessia nesse oceano e realizar nossos sonhos, como os seus irmãos sempre fazem quando o mês da tempestade arenosa visita a ilha verde de Santo Antão.

No fundo, queria que Manuel Emílio, com o coração impávido e carregado de esperanças, dissesse-me: – Hélio, vou vencer. Vou cruzar o oceano e conquistar meus sonhos. Não quero mais retroceder ao passado, quero consagrar o majestoso presente. Faça-o também tu, amigo negro do Brasil.

Maurílio Alves Rocha Júnior (com o Pseudônimo de Nuno Lima) é licenciado em Letras- Língua Portuguesa pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Tem o prazer de fazer leituras de fruição das Literaturas: Brasileira, Afro-brasileira e Africanas. Escreve pelo prazer da arte de escrever – *essa é uma das maiores inspirações para a escrita de ficção do autor*. Atualmente é professor da escola pública de Ensino Médio Professor Milton Façanha Abreu, localizada no município de Mulungu, estado do Ceará. E-mail: maurilioalvesrocha@gmail.com Endereço para o acesso do Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/1541690227729342>